

Franklin Leopoldo e Silva e a vizinhança comunicante: projeção para uma compreensão totalizante do pensamento de Sartre

Thana Mara de Souza

UFES

RESUMO

Trata-se de compreender a noção de vizinhança comunicante criada por Franklin Leopoldo e Silva para pensar a relação entre os textos filosóficos e literários de Sartre, e ensaiar uma ampliação do alcance da expressão, tanto no que se refere ao modo como o próprio filósofo francês pensa a relação entre arte e filosofia, quanto na proposta de uma metodologia que nos permitiria desvelar uma coerência no pensamento sartriano. Por fim, coloca-se a noção de vizinhança comunicante como uma proposta para pensar prática e teoricamente o fazer filosófico e o ensino de filosofia na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE

Franklin Leopoldo e Silva; Sartre; vizinhança comunicante.

ABSTRACT

The aim of this article is to understand the notion of communicating neighborhood created by Franklin Leopoldo e Silva to think the relationship between philosophical and literary texts of Sartre, and to think an expansion of the scope of the expression, in terms of the way in which the French philosopher thinks about the relationship between art and philosophy, as well as the proposal of a methodology that would allow us to reveal a coherence in Sartrian thought. Finally, the notion of communicating neighborhood is presented as a proposal to think practically and theoretically about the philosophical making and the teaching of philosophy in contemporary times.

KEY WORDS

Franklin Leopoldo e Silva; Sartre; communicating neighborhood.

Franklin Leopoldo e Silva me motivou, a partir do segundo ano de graduação, a ter Sartre como objeto de pesquisa. Foi não apenas o conteúdo de sua disciplina (a relação entre um livro de ficção – *A náusea* – e livros filosóficos – *A transcendência do ego* e *O ser e o nada*), mas também o modo como esses conteúdos foram dados que me levaram a essa escolha. Não só meu interesse por artes, mas também o encantamento pelo professor que conseguia nos fazer compreender uma obra densa e difícil de uma forma calma, clara e simples me guiaram nas minhas escolhas de pesquisa e no meu ideal profissional.

São esses dois aspectos – o teórico e o prático – que gostaria de trabalhar neste curto texto de homenagem e agradecimento. Tomarei como base a Introdução de seu livro *Ética e Literatura em Sartre: ensaios introdutórios*, que, de um modo extremamente claro, apresenta não uma introdução ao pensamento sartriano, mas uma compreensão da maneira mesma como o filósofo estrutura sua filosofia.

A noção de vizinhança comunicante, expressão simples e aparentemente desprezível, apresenta um alcance muito maior do que o indicado de forma explícita: se se trata de pensar o modo de relacionar a filosofia e a literatura sartriana, penso também ser possível alargá-la de forma a pensar o que Sartre mesmo pensa da relação entre filosofia e arte (ao menos a relação entre os artistas e os filósofos que lhe interessam), o modo como o filósofo organiza seu pensamento e mais que isso: a expressão me convida a pensar o próprio ensino de filosofia tal como Franklin o praticou.

Começarei pela leitura mais rente à Introdução e darei alguns passos a mais, que, a meu ver, o texto permite, mas sem a certeza de que o autor me acompanharia nesse caminho.

I. Sartre fenomenólogo e prosador: Introdução de *Ética e literatura na filosofia de Sartre*

Franklin Leopoldo e Silva inicia o livro questionando como relacionar a fenomenologia de Sartre com a prosa de Sartre. Contra leituras que colocam hierarquias entre os dois modos de expressão, reduzindo a literatura a um mero exemplo simplificador da filosofia, e contra leituras que separam totalmente um modo de outro, Franklin afirma que é preciso encontrar o que há de mais característico, deixar de lado generalidades e compreender “o projeto sartriano de pensar a ordem humana: a compreensão da existência como *condição* e da contingência como o seu *horizonte-limite*” (Leopoldo e Silva, 2004, p. 12). É por meio da compreensão dessa relação que Franklin chega à questão ética como centro irradiador do pensamento sartriano como um todo, dado que ela deixa entrever o ser que é em si mesmo questão sobre o próprio ser, e, portanto, como resposta inacabada e questão sempre recomeçada, e recomeçada historicamente, universal e concretamente.

Segundo Franklin, a filosofia e a literatura de Sartre dizem e não dizem a mesma coisa: ambas se voltam para o ser humano-no-mundo, no questionamento constante sobre si mesmo que é, ao mesmo tempo, ação no mundo com/contra os outros, mas o modo como elas dizem a mesma coisa é diferente. Existiria, aqui, uma distinção na forma de escrever: baseando-se em entrevistas de Sartre, Franklin aponta que o filósofo e escritor preocupa-se com as mesmas questões, mas o que visa com cada escrita é diferente: enquanto a filosofia pretende elaborar noções (que já não se colocam mais como conceitos atemporais) que deem conta da estrutura da realidade humana, a literatura pretende aprofundar os paradoxais atos singulares do humano no mundo. Essa pretensão distinta aparece na escrita: enquanto a escrita filosófica tenta ser clara no sentido da noção que quer trabalhar, a escrita fictícia busca sentidos múltiplos.

É a partir da noção de *vizinhança comunicante* que Franklin tenta dar conta dessas expressões que dizem e não dizem a mesma coisa. Por meio dela, o autor nos mostra que é preciso pensar “pela diferença e pela adequação recíproca dos dois modos da dualidade expressiva” (*Ibid.*, p. 13). Ao preservar a autonomia dos dois modos de pensar e escrever, o filósofo Franklin também aponta para uma adequação recíproca dos dois modos. Não se trata de uma relação extrínseca, que poderia ou não ser feita, como se os dois modos fossem indiferentes um ao outro, mas também não se trata de uma identidade absoluta, sem que pudéssemos diferenciar os modos. No pensamento de Sartre, segundo Franklin, haveria uma passagem interna, “uma forma de passar de um a outro que seria uma via interna, sem que, nesse caso, a comunicação direta anulasse a diferença” (*Ibid.*).

Por meio dessa noção, conseguimos sair da falsa escolha entre um dualismo que tudo separa e um unitarismo que nada delimita. Aprendemos que a filosofia e a literatura de Sartre não dizem o mesmo, e que, de modo distinto, ambas as formas se comunicam interna e necessariamente. Ao mesmo tempo em que mantemos a diferença entre filosofia e literatura (e é o que Sartre aponta nas entrevistas em que discute a relação entre elas), mantemos uma relação que é interna e direta. Uma vizinhança comunicante implica pensar em casas distintas, próximas, e que ao mesmo tempo se colocam como vizinhas da outra, ou seja, em relação direta com a casa ao lado. Sem poder separá-las totalmente, e sem poder identificá-las totalmente, a literatura e a filosofia de Sartre se colocariam lado a lado, distintas, e, ao mesmo tempo, ligadas internamente.

Mas isso ocorre apenas porque a filosofia de Sartre não se identifica com o “estudo do ser enquanto ser”, porque ela se aproxima do concreto estruturando-o (o que também é um modo de impossibilitar que ela mesma descreva a vivência singular), do

mesmo modo que os romances sartrianos não se identificam com uma “tipologia romanesca tradicional” – não temos aqui personagens tipos, que encarnam essências, nem narradores oniscientes que fixam o tempo. Com uma ontologia fenomenológica e romances com personagens que se colocam em questão, podemos estabelecer a passagem interna, realizar (porque não está dada) essa ligação intrínseca entre modos distintos de abordar o mesmo problema, que é a relação do humano no mundo.

Uma filosofia que se pretende abstrata e uma literatura que cria essências a partir de narradores oniscientes não permitiriam a realização da passagem interna, da comunicação entre os vizinhos. Mas o modo como Sartre pensa o fazer filosófico e literário, nunca dissociados da questão ética como centro irradiador de seu pensamento, e, portanto, nunca dissociados da concretude e historicidade humanas, permite a Franklin construir a passagem interna, mostrar que, nos modos distintos, e necessariamente distintos, a mesma preocupação surge, de forma que a distinção de direito se apresenta como uma correlação necessária de fato.

Não por acaso, muitos dos filósofos que Franklin Leopoldo e Silva pesquisou e ensinou foram os que permitiram pensar em termos de vizinhança comunicante. Para além da passagem interna entre Sartre romancista e Sartre filósofo, podemos citar Bergson e Proust como autores que interessam a Franklin. A criação da passagem interna parece ser uma busca constante do pensamento/ensino de Franklin; e também do pensamento de Sartre. Pois podemos dizer que não se trata apenas de Franklin pensando a relação entre a filosofia e a literatura de Sartre, mas também das relações que o filósofo francês estabelece entre as filosofias e as artes que lhe chamam a atenção.

II. A vizinhança comunicante e o modo de Sartre pensar a relação entre filosofia e arte

Se não podemos dizer que a noção de vizinhança comunicante se aplica a toda filosofia e a toda literatura, já que só existe quando ambas assumem ter o mesmo objetivo; e se Sartre não faz um “dever ser” dessa questão, podemos ampliar o termo de Franklin para compreender o modo mesmo como o filósofo francês lê a relação entre filosofia e arte de modo geral.

Podemos encontrar em diversos momentos dos textos teóricos de Sartre críticas às filosofias universais abstratas, que reduzem o concreto à manifestação do absoluto. Podemos ler, de forma recorrente, a crítica à psicologia e às biografias que pretendem reduzir Flaubert a um mero composto químico resultante de elementos pré-existentes (bastaria combinar “ansiedade” com “violência simbólica” e pronto, temos o resultado Flaubert, do mesmo modo que bastaria combinar duas moléculas de hidrogênio com uma de oxigênio para termos a água. Era assim, por meio de

uma associação determinista, que as biografias pensavam Flaubert – algo que Sartre critica em *O ser e o nada*). Desde a crítica ao ego como prévio e determinante da consciência em *A transcendência do Ego* até a crítica a um Flaubert completamente passivo na formação de si mesmo em *O idiota da família*, Sartre não deixa de repetir a necessidade da filosofia partir do concreto (já que “ir em direção ao concreto” – título de um livro de Jean Wahl mencionado por Sartre em *Questões de Método* – é ainda pressupor que se parte de outro lugar que não a própria realidade), colocando-se, assim, na contramão de concepções abstratas do fazer filosófico.

Também Sartre crítico de arte prefere falar de artistas que fogem da tipologia. É o que já aparece em *Que é a literatura?* de 1947: “o mau pintor procura o tipo, pinta o Árabe, a Criança, a Mulher; o bom pintor sabe que o Árabe e o Proletário não existem, nem na realidade, nem na sua tela: ele propõe um operário - determinado operário” (Sartre, 2004, p. 12). E reaparece em artigos dos anos 1950, como no texto “De uma China a Outra”, prefácio de um álbum de fotografias de Cartier-Bresson.

Há, ali, a crítica a fotógrafos que buscam a Ideia, o que há de geral, ou O Chinês, do mesmo modo que Sartre criticava nos anos 1940 o pintor que buscava tipos: “Eles procuram um Chinês que tem o ar mais chinês que todos os outros; eles terminam por encontrá-lo. Eles o fazem tomar uma atitude tipicamente chinesa e o cercam de coisas chinesas. O que eles fixaram sobre a película? Um chinês? Não: a Ideia chinesa” (Sartre, 1967, p. 9, tradução minha).

Contra os fotógrafos que buscam fixar a Ideia chinesa, Cartier-Bresson aparece:

Seus chineses desconcertam; a maior parte dentre eles não tem nunca o ar muito chinês. Homem de espírito, o turista se pergunta como fazer para se reconhecer entre eles. Eu, após folhear o álbum, me pergunto mais como é que podemos confundi-los e colocá-los sobre uma mesma rubrica. A Ideia chinesa se afasta e empalidece: não é mais senão um nome cômodo. Restam homens que se parecem enquanto homens. Presenças vivas e carnisais que ainda não receberam suas ‘appellations controlées’ (*Ibid.*, tradução minha).

Ao fotografar o instantâneo, sem pose programada, Cartier-Bresson consegue apagar o pitoresco e atingir a verdade material, a miséria. Ele mostra um chinês singular, fugindo de tipos e essências, e, paradoxalmente, ao fazer isso, desvela o momento da China em meio à Revolução e todos os humanos diante de situações materiais concretas. Contra o tipo e o mito dos maus pintores e fotógrafos, Cartier-Bresson se interessa pelas singularidades. E ao fotografar a singularidade em um centésimo de segundo, permite a compreensão do que há de universal e atemporal: a condição humana situada no mundo.

Assim, na crítica que Sartre elabora às filosofias outras, ao marxismo determinista francês do século XX e às psicologias que fazem do concreto apenas manifestação

determinada do universal, e na crítica às artes que retratam tipos ideais, *O Proletário*, *O Chinês*, podemos perceber também a tentativa de criar uma passagem interna entre dois modos que dizem e não dizem a mesma coisa. A noção proposta por Franklin de vizinhança comunicante não se aplica apenas ao modo como Sartre escreve sua filosofia e sua ficção, mas também ao modo como o filósofo francês descreve a relação entre filosofia e ficção que é por ele valorizada. É certo que é temerário dizer que “assim devem ser” a arte e a filosofia, mas os artistas que são elogiados por Sartre são justamente os que fogem dos arquétipos e descrevem a vivência no que há de mais singular, conflituoso e dramático.

Assim como Franklin parece se interessar por filósofos e romancistas que permitem ou mesmo exigem a passagem interna entre pensamento teórico e imaginário, Sartre parece se interessar por artistas e filosofias que fogem de narrativas oniscientes e imagens ideais, que aceitam um mesmo ponto de partida: o ser humano-nomundo. Desse modo, podemos não apenas propor a noção de vizinhança comunicante como a maneira de relacionar os textos sartrianos (proposta da introdução do livro de Franklin), mas também como a maneira pela qual o próprio Sartre pensa essa relação, ou pelo menos como sendo o tipo de relação que lhe interessa, assim como a Franklin.

Mas podemos dar ainda um passo a mais: a noção de vizinhança comunicante não se aplica apenas ao modo como Sartre relaciona filosofia e arte, mas também ao modo como ele relaciona os elementos de sua própria filosofia. Em outras palavras: a noção inventada por Franklin deixa entrever uma metodologia na abordagem sartriana, que permanece igual na diversidade dos temas e dos tempos.

III. Uma metodologia sartriana

Para explicar a ética como centro irradiador da relação entre filosofia e literatura como vizinhança comunicante, Franklin Leopoldo e Silva traz a noção de universal concreto de Sartre. Segundo o filósofo brasileiro, é possível ver entre abstrato/concreto; universal/singular a mesma relação de vizinhança comunicante, a manutenção da autonomia e diferença entre os elementos, e, ao mesmo tempo, uma passagem interna que torna impossível de fato separá-los: “A reflexão filosófica e a experiência fictícia comunicam-se pela própria manutenção de suas diferenças; o abstrato e o concreto se interligam pela passagem interna entre a concretude do universal e a irreducibilidade absoluta do particular” (Leopoldo e Silva, *op. cit.*, p. 18).

Há, pois, um caráter concreto no universal e uma presença do universal no particular. Concreto e universal são vizinhos comunicantes, com uma passagem que não está dada de antemão, mas que é preciso realizá-la. Eis a tarefa da consciência histórica: como se dá o fazer-se humano na história? Por meio de uma síntese entre

a irredutibilidade da consciência individual e a relatividade histórica, Franklin nos mostra que, em Sartre, nem consciência nem história dão conta sozinhas do humano-no-mundo. É preciso, pois, estabelecer uma passagem entre um temo e outro. Ou melhor: é necessário que essa passagem seja criada. Franklin cita uma passagem de Sartre em *Que é a literatura?* para mostrar a tarefa de todos nós: “A práxis como ação na história, isto é, como síntese entre a relatividade histórica e o absoluto moral e metafísico: eis o nosso tema” (*Ibid.*, p. 21).

É preciso criar, pois, a imbricação entre transitoriedade e absoluto, construir uma síntese que se coloca como mistura amarga e ambígua entre universal e concreto. Do mesmo modo que entre filosofia e ficção há uma passagem interna que não anula a distinção, entre universal e singular há o mesmo paradoxo: o universal só surge em um horizonte humano e histórico; e as projeções humanas singulares visam um universal que sempre se coloca como estando em construção contínua. Do mesmo modo que devemos falar em totalização em curso ou em totalidade destotalizada, Sartre sugere trocar o universal (abstrato) pela universalização (singular)¹, pelo movimento nunca terminável em direção a...

Entre filosofia e ficção e entre universal e singular parece haver um mesmo modo de pensar a relação entre os elementos, que não mais os coloca de forma indiferente e totalmente separada, mas por meio de uma passagem interna que não se torna sinônimo de identidade absoluta. Sartre aplica esse mesmo método, que Franklin nomeia como vizinhança comunicante, para pensar a relação entre vários outros temas. Podemos citar brevemente algumas dessas relações:

Primeiro, ao falar da imaginação e da percepção em *O imaginário*, vemos a afirmação de que se trata de dois modos irredutíveis da consciência, sem confusão entre ambas (se imagino, não percebo). E, ao mesmo tempo, vemos a afirmação de que ambas se comunicam internamente, uma solicitando e se voltando para a outra. Contra leituras que apontam para uma contradição na filosofia de Sartre, para uma conclusão de *O imaginário* (que falaria do aspecto comunicante) que se afasta do início do livro (que falaria da distinção), apostamos na vizinhança comunicante de Franklin para apontar uma coerência no livro: imaginação e percepção são modos distintos que exigem a construção de uma passagem interna entre elas, de forma que não conseguiríamos separar dinamicamente o que estaticamente é diferente.

Do mesmo modo, ao falar do Em-si e do Para-si na introdução de *O ser e o nada*, Sartre menciona que tanto idealismo quanto realismo falharam ao pensar na relação entre dois elementos separáveis de direito e inseparáveis de fato. A meu ver, o modo

¹ Cf. Sartre, 1972. *L'Universel singulier*.

de Sartre ir além do realismo e do idealismo é ficando entre o realismo e o idealismo, afirmando, em níveis distintos, a diferença e a comunicação interna. De direito, a diferença está mantida: Para-si e Em-si são duas regiões distintas de ser. De fato, há uma correlação que faz com que o fenômeno de ser sempre seja para uma consciência que, por sua vez, só existe enquanto voltada para um fenômeno. Se de direito temos a afirmação da vizinhança, da distinção, de fato temos a afirmação da comunicação interna a ser construída concretamente; afinal, Sartre não parte dos elementos separados de direito, mas sim da síntese concreta - ser humano-no-mundo - para pensar a relação e o que cada termo é². Ao descrever qualquer atitude do ser humano no mundo, é possível desvelar ao mesmo tempo a passagem interna entre Para-si e Em-si, e a distinção entre os termos (enquanto o Em-si é o que é, o Para-si é o que não é e não é o que é).

Poderíamos continuar com uma série de outros pares essenciais na filosofia de Sartre, tais como subjetividade/objetividade; metafísica/história; atividade/passividade; consciência/corpo. Em todos esses pares, seria possível perceber um mesmo modo de relacioná-los, sem colocá-los como identidade absoluta (a diferença está mantida) e sem colocá-los em uma relação extrínseca (a comunicação interna é necessária).

Erram aqueles que, na crítica a um pretense dualismo sartriano e ironicamente dualistas eles mesmos, pedem a Sartre para que se decida entre “diferença” ou “relação necessária e interna”. É preciso manter a ambiguidade, essa mistura amarga, tal como Sartre diz em *Que é a literatura?* e que Franklin retoma em *Ética e literatura em Sartre*. A noção de vizinhança comunicante permite trazer, ao mesmo tempo, a diferença e a relação interna entre os elementos, e permite, assim, dar conta de dois níveis de descrição: o ontológico/estático/de direito e o fenomenológico/dinâmico/de fato. Ontológica, estática e de direito temos a diferença entre os termos, enquanto que fenomenológica/dinâmica e de fato temos a passagem interna que torna inseparável o que é distinto.

Sartre mesmo repete, em seus livros, algumas imagens que remetem a essa ideia, tais como as duas faces de Janus; ou os dois lados de uma mesma moeda. São imagens recorrentes em sua filosofia para falar dos paradoxos da relação entre diversos termos. Eu acrescentaria o movimento à imagem dos dois lados da mesma moeda: trata-se sempre de pensar “nos dois lados de uma mesma moeda em rodopio”, justamente para enfatizar que em nenhum momento sairemos do paradoxo. Nessa dualidade que é unidade, nunca conseguiremos parar o rodopio: nem conseguiremos olhar para um só lado, sem remetermo-nos ao outro, nem conseguiremos fazer da

² Cf. Sartre, 1999. *O ser e o nada*. Primeira Parte.

moeda uma identidade absoluta, que anule a distinção entre os lados. É exatamente como Sartre conclui a descrição do Para-si como Presença-a-si, como relação entre consciência tética do objeto e consciência não-tética de si: “não há uma unidade que contenha uma dualidade, nem uma síntese que transcenda e capte os momentos abstratos da tese e da antítese, mas uma dualidade que é unidade” (Sartre, 1999, p. 124). Ou ainda: nem “identidade enquanto coesão absoluta, sem traço de diversidade [nem] unidade enquanto síntese de uma multiplicidade” (*Ibid.*, p. 125).

Nunca conseguiremos fazer com que, no giro, na existência, a moeda deixe de ser dois lados que nunca se separam, que são dois e um ao mesmo tempo. Do mesmo modo, para qualquer termo que olharmos na filosofia sartriana, poderemos perceber uma mesma metodologia na relação: seja entre Para-si/Em-si, imaginação/percepção, literatura/filosofia, consciência/corpo, sempre veremos uma vizinhança comunicante: nem relação externa nem identidade absoluta, sempre uma distinção que, dinâmica, fenomenológica e de fato está correlacionada internamente.

Ou seja: com a noção de vizinhança comunicante, Franklin Leopoldo e Silva nos deu uma chave de leitura para entrar na filosofia de Sartre, quaisquer que sejam os termos que quisermos abordar. Muito mais do que abordar o modo de relacionar filosofia e ficção sartrianas (o que já não seria pouco), temos ali uma expressão que nos permite compreender o modo mesmo como Sartre constrói sua filosofia como um todo, ou melhor, como uma totalização que nunca será totalizada.

IV. Conclusão

Se propusemos estender a noção de vizinhança comunicante da Introdução de *Ética e literatura em Sartre* para inicialmente pensar a relação entre Sartre filósofo e romancista a outros dois âmbitos - o modo como pensa a relação entre filosofia e arte, e o modo como constrói sua filosofia como um todo -, mostrando como uma expressão tão simples e clara permite um alcance rigoroso e profundo sobre a filosofia de Sartre; pretendemos agora lançar algumas breves palavras, mais propriamente questões, sobre o fazer filosófico atual e o ensino de filosofia, também a partir da expressão cunhada por Franklin.

Quanto ao fazer filósofo, costumamos dizer que oscilamos entre opostos, entre um momento realista e outro idealista, um momento dogmático e outro cético, ao invés de mantermos a “mistura amarga”. Saímos de uma falsa objetividade absoluta e eternamente verdadeira, desvinculada totalmente de uma subjetividade; e parece que estamos indo para uma também falsa subjetividade soberana, que sobrevoa os

outros e as condições concretas, uma subjetividade que, sozinha, indiferente ao mundo e às facticidades, sem olhar do Outro, se faria um Eu soberano³.

Nesse momento em que saímos de um a outro oposto, a noção de vizinhança comunicante talvez seja essencial para apontar a ilusão dos dois modos e mostrar um outro caminho: nem de uma total objetividade que faça as singularidades desaparecerem, nem de uma subjetividade total, não inscrita em facticidades, que não carregue corpo e o Outro. Ou seja: nem uma filosofia abstrusa que fala do ser enquanto ser, nem uma filosofia que se confunda com narrativas subjetivas solipsistas.

Se o fazer filosófico alheio às condições históricas é um mito que deve ser destruído (e penso que é um mito *a posteriori*, mais da história da filosofia do que do fazer filosófico de cada momento), não seria cair no erro oposto, mas igual, realizar filosofia como apenas expressão narrativa subjetiva?

Que a filosofia reconheça a necessidade de partir do concreto é essencial. Mas dar o passo de indiferenciar expressão filosófica e literária, e mais, de embaralhar filosofia com narrativas pessoais, talvez seja um passo que repita o que pretende criticar.

Para Sartre, e é o que Franklin nos traz com a noção de vizinhança comunicante, enquanto uma expressão aborda a estrutura da vivência, a outra descreve a vivência no que há de mais singular. E ambas são necessárias para compreender uma realidade humana que questiona a si mesma.

Optar apenas pela diferença total, ou embaralhá-las totalmente, não seria prejudicar ambas? Do mesmo modo, no fazer filosófico, se pretendemos fazer toda esfera da objetividade desaparecer, não cometeremos o mesmo erro do pensamento objetivo que pretendia aniquilar as subjetividades? Não estaríamos, na total indistinção, ao propor identidades absolutas, eliminando a possibilidade de abordagens outras que melhor permitiram compreender a realidade humana em toda sua complexidade e ambiguidade?

No que se refere à filosofia e à literatura, não se trata, aqui, e aqui preciso reconhecer que sou totalmente eu falando, e não Franklin, de uma preocupação com só ou principalmente salvar a filosofia, mas talvez o contrário: a de salvar a literatura das invasões megalomânicas da filosofia.

No que se refere ao fazer filosófico, talvez a noção de vizinhança comunicante nos sirva de alerta para evitar os movimentos contrários e iguais, que se colocam ou apenas como indistinção de direito e de fato, ou como diferença de direito e de fato, não possibilitando, em nenhum dos modos, passagens, construções e diálogos. Seja na indiferença ao Outro, seja na indistinção, o diálogo é eliminado, e um dos termos

³ Cf. Roudinesco, 2022. *O eu soberano*.

desaparece no outro. A vizinhança comunicante nos permitiria ao mesmo tempo a manutenção da autonomia e a exigência do diálogo - o que transcende um fazer teórico, e também permite pensar uma problemática ética (o que não abordaremos aqui), assim como o ensino de filosofia, tema sobre o qual gostaria de trazer algumas últimas questões.

Franklin como professor de filosofia não só nos ensinou a vizinhança comunicante presente no pensamento de Sartre como também a praticou em sala de aula: contra as clássicas dicotomias de um ensino filosófico conceitual e obscuro ou de um ensino filosófico vulgar e claro, Franklin unia clareza e rigor. Mantendo a necessidade de associar filosofia a um modo de pensar, que exigia respeito aos conceitos, Franklin professor demonstrou que era possível ser claro e concreto na compreensão dos termos. Longe de um ensino de filosofia que se pretende de sobrevoos e parece se tornar propositadamente incompreensível, mas também longe do ensino de uma filosofia que se pretende igual a todas as outras formas de expressão, Franklin soube construir uma passagem interna entre rigor e clareza, entre o modo específico de filosofar e a compreensão concreta e histórica desses termos.

Até que ponto não corremos o risco, hoje, de sair de um oposto e cair no outro, de, na crítica a um ensino da total diferença e indiferença da filosofia, que impossibilita relações com outros modos de expressão, cairmos em um ensino da identidade absoluta entre todas as formas, o que seria uma outra forma, mas igual, de anular diálogos e relações, já que tudo se torna o mesmo, já que não existe outro com quem dialogar? Se todo modo é filosofia, as relações também desaparecem. Não seria possível construir um fazer filosófico e um ensino de filosofia que permita manter modos distintos (preservando as diversas maneiras de descrever a realidade humana) e uma relação necessária entre elas? Teríamos mesmo que abrir mão necessariamente da diferença ou da relação interna? O único modo de sair da indiferença, da falta de relação, seria anular a distinção e a autonomia, e, de forma oposta, aniquilar igualmente o outro?

Que nos fiquemos esses questionamentos. Terminar a homenagem com uma resposta definitiva seria ficar na contramão da leitura de Franklin sobre a ética como centro irradiador justamente porque o humano é não-completude, porque a resposta nunca será totalmente dada, e porque o questionamento sempre será refeito. E deve ser.

Mas que ao menos fique a aposta teórica da importância da noção de vizinhança comunicante como um modo de compreender a totalidade do pensamento de Sartre e como um modo teórico e prático do fazer filosófico e do ensino de filosofia atuais.

Bibliografia

- Leopoldo e Silva, F. (2004). *Ética e Literatura em Sartre: Ensaio Introdutório*. São Paulo: Unesp.
- Roudinesco, É. (2022). *O eu soberano*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar.
- Sartre, J.-P. (1967). D'une Chine à l'autre. In : *Situations V*. Paris: Gallimard.
- _____. (1972). L'Universel singulier. In: *Situations IX*. Paris: Gallimard.
- _____. (1994). *A transcendência do ego*. Trad. Pedro Alves. Lisboa: Colibri.
- _____. (1999). *O ser e o nada*. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2002). *Questões de método*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A.
- _____. (2004). *Que é a literatura?* Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática.
- _____. (2011). *A náusea*. Trad. Riga Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- _____. (2013). *O Idiota da Família*. Trad. Julia da Rosa Simões. Porto Alegre: LP&M.
- _____. (2019). *O imaginário*. Trad. Monica Stahel. Petrópolis: Vozes.